

REVISTA DE LIVROS

(2015) MIGUEL REAL,
O “ÚLTIMO EUROPEU” MORRE NO PICO.
LISBOA, D. QUIXOTE.

por
MANUEL TOMÁS *

O último europeu, segundo a prolepse de Miguel Real, morre em 2299, na ilha do Pico, depois de uma longa e centenária vida. Viveu na incomparável Nova Europa, onde não havia trabalho, mas as pessoas estavam sempre ocupadas; onde não havia violência porque os sensores biométricos controlavam o eventual excesso; onde a sociedade de consumo fora extinta, porque todos tinham o que precisavam. Aos noventa anos, após a invasão da Nova Europa pelo Império dos Mandarins, absolutistas orientais, é transportado para a ilha montanha, com a suprema missão de chefiar um grupo de escolhidos e de perpetuar a memória dos europeus, escrevendo a *Crónica da Criação e da Extinção da Nova Europa*, para dar bastante notícia da extraordinária civilização humanista, a mais perfeita do mundo, mas que, em 2284, cercada pelos grandes impérios Russo e Americano, rodeada pelos bárbaros da Velha Europa, é invadida pela Grande Ásia, ficando em risco de extinção.

Neste comentário, tinha, natural, telúrica e culturalmente, de começar pelo Pico que raramente é achado nos comentários sobre o livro. E também porque havendo a esperança de salvação da Europa, foi aqui, no Pico, a ilha que não consegue fundar a tetrapolaridade açórica, que o pessimismo acelerou e derrubou toda a possibilidade com o finamento do último europeu, o «Reitor, membro superior da direcção dos museus da história da Europa» (p. 15), narrador e autor da *Crónica da Nova Europa*, cujo título, no final, também perdeu as palavras *Criação e Extinção*.

Da distopia de *1984* de Orwell para a utopia de Miguel Real de *2284*, muita coisa se passou, com evidentes culpas dos maus políticos do final do

* Escola Básica e Secundária da Madalena do Pico.

MIGUEL REAL

O ÚLTIMO EUROPEU

2284

Entre os Baldios chefiados por clãs guerreiros, subsiste na Europa um pequeno território isolado onde se vive numa espécie de Paraíso. Até quando?

ROMANCE



século XX que abusaram dos recursos da Terra, por força de um consumismo desenfreado, «rompendo o ciclo natural harmonioso criado por esta [Terra] desde tempos imemoriais» (p. 181). Em 1984 ninguém escapava à vigilância do «Grande Irmão», e a organização política dividia a sociedade; em 2284 todos são guiados pelos «velocíssimos e infinitesimais raciocínios sinápticos do Grande Cérebro Electrónico» (p. 19) e ninguém se preocupa com qualquer política de governo, porque o voto seria apenas a forma de dividir:

«Há duzentos anos – em 2084 –, após a Grande Fome motivada pelo açambarcamento de bens e pela especulação de preços, derivados do esgotamento dos combustíveis fósseis, um conjunto de sábios, assim mesmo denominado, o Clube dos Sábios – filósofos, cientistas, ecologistas, engenheiros biológicos, arquitectos ambientalistas –, lançou um apelo aos Homens Bons de toda a Europa para que abandonassem as velhas cidades, lugares de fome e violência, e reconstruíssem outras no interior dos países, cidades sem nome, designadas por Conglomerados, onde a ciência e a tecnologia, a economia e a política, a educação e a cultura, fossem postas ao serviço de valores éticos de concórdia e harmonia, liderados pela Justiça» (p. 39).

Em 2184 foi instaurada a Nova Europa e para os neo-europeus é aqui que começa a verdadeira história, porque o homem se libertou da animalidade. Acabou a família tradicional, as crianças passaram a nascer em Criatórios, no seio de uma placenta química, alimentada por um líquido amniótico sintético e por outros artefactos apropriados. O sexo era livre, mas em casas de dez mil quartos de leite (um bocado burocrático para o meu gosto!). Ninguém era identificado por um nome, antes por um código mental, designado por Distintivo, uma combinação biológica e tecnológica. Também não havia acumulação de capital para ser distribuído. A alimentação era saudável e regeneradora (com a vantagem evidente de ninguém ganhar adiposidades!) e não era feita pelos processos humanos normais, porque os alimentos também eram diferentes. Numa sociedade perfeita, era o hipercórtex que possibilitava toda esta forma de viver e todo o acesso ao conhecimento. Estava ligado ao Grande Cérebro Electrónico. Não havia distinção entre realidade exterior e realidade mental. Utilizavam linguagem Universalis, imagens cerebrais providas de redes neurológicas de programas implantados no hipercórtex. As imagens provinham do Grande Cérebro Electrónico ou da retina. As imagens

é que contavam porque eram a realidade. Não eram precisas palavras, nem orais nem escritas, a comunicação era mental e as paredes lisas e verticais, revestidas de película fotónica, transmitiam todas as imagens necessárias ao bom entendimento entre as pessoas.

A Nova Europa, estava defendida pela Bolha Hiperatómica de Protecção e Segurança, que impedia qualquer ataque, resistindo até mesmo a uma bomba atómica. Platão, na sua *República* também tinha guardiões de protecção, e era a Justiça o princípio fundamental da vida do cidadão. A cidade chamava-se Calípole, a «cidade bela». Todavia, dos gregos aprendemos também que todos temos um ponto fraco. A Nova Europa tinha, e tenho usado sobretudo o imperfeito, o seu calcanhar de Aquiles. Os Chineses descobriram as oito centrais geotérmicas, no interior da Terra, que alimentavam toda a vida neo-europeia. Cortaram essa energia e a Nova Europa colapsou. Como na *Odisseia no Espaço*, desligando o computador, tudo voltava ao natural. Assim foi. Os neo-europeus tiveram de recomeçar a falar com palavras e não por imagens, de reaprender a comer e a defecar pelos processos naturais e tudo o mais que à vida humana dizia respeito e eles há muito tinham ultrapassado por processos científicos e tecnológicos altamente desenvolvidos e aperfeiçoados. Ao contrário dos americanos e dos orientais, seguiam a filosofia de Agostinho da Silva, de «não trabalhar, mas estar sempre ocupado» (p. 33). Os carros foram substituídos pelas estradas rolantes. A dor não existia. A perfeição era total. Mas havia um calcanhar de Aquiles. Cortada a fonte de energia, acabava a Nova Europa.

Como a esperança é a última a morrer, foram escolhidos sessenta neo-europeus, pelo Conselho dos Pantocratas, 20 homens e quarenta mulheres. Seguiriam para o Pico com a missão de manter e desenvolver um saldo fisiológico capaz de perpetuar a Europa, coisa fácil depois das mulheres reaprenderem a gerar e a parir e considerando igualmente a longevidade alcançada pelos neo-europeus. Eram meios obsoletos, mas absolutamente vitais para cumprir a missão. As pessoas voltaram a ter nomes para as identificar; retomaram o trabalho para produzir a própria alimentação e, por causa disso, tiveram de recuperar a forma de mastigar com os dentes e a língua; tiveram de utilizar a arcaica maneira de comunicar, articulando e escrevendo, de novo, as palavras. E tudo o mais que é natural no ser humano.

O Pico seria a Novíssima Europa. Seria, porque quase foi, não tivessem os interesses americanos se sobreposto. Em 2284 éramos americanos! Actual-

mente, eles estão a fugir de cá, no romance também não davam qualquer importância ao arquipélago, salvo quando descobriram recursos fundamentais para a sua qualidade de vida. O que não é assim tão diferente da actualidade, *mutatis mutandis*, pois quando precisaram, instalaram-se e usaram como quiserem, mas isso é política ou falta dela... São os interesses.

Grandes cataclismos fizeram com que apenas restassem as ilhas do Pico, da Terceira, de São Miguel e uma pequena tira do Faial. E no Pico, apenas uma família teimosamente permanecia, a de Jorge Tomás, com a mulher e um filho. E era em São Miguel que se abasteciam de produtos de vária ordem. Do Pico de hoje, restavam alguns maroiços e as paredes derrubadas da vinha bem como as ruínas da igreja da Madalena.

Vir para o Pico, para salvar e acabar morrendo, cria uma estranha sensação contraditória na procura de entender e não querer aceitar a utopia que se desenrola a cada momento da narrativa, que se desenvolve entre o fascínio e o medo ou a ideia de horror a que a vida dos neo-europeus nos vai conduzindo e induzindo, aliada à imagem de um futuro previsível, tanto social como geologicamente. Cerca de quinhentas crianças terão sido salvas, pelo Império Americano, e talvez, esta situação torne possível o regresso da utopia e se ache matéria para novo romance, pois alguma coisa poderá ter ficado nas suas mentes e, um belo dia, quem sabe, em uma viagem ao contrário, naveguem do Ocidente e recuperem uma Atlântida perdida de Platão ou outra e, após alguns cataclismos naturais, as águas do Mar Americano desçam e surja outra esperança, alguma ruína emergente para a edificação de nova sociedade igualitária e do prazer global, que volte para reinar em lugar nenhum, ou seja na nova utopia.

Como o professor, que continua a ser o melhor actor, que exagera tanto que chega a exagerar que nada sabe para que os alunos respondam acertadamente, pois ele não precisaria de perguntar porque já sabe a resposta, assim foi este romance filosófico, histórico, político, social, tecnológico, científico, utópico e tudo o mais. Hiperboliza a construção de uma sociedade civilizadamente justa, sem dor, sem trabalho e de actividades de prazer, protegida por um Grande Cérebro Electrónico e dentro de uma Bolha Hiperatómica de Segurança, resistente a todo o mal, mas frágil se descoberta e manipulada a sua fonte de energia inesgotável, alimentadora de toda a vida.

O romance, quando nos dá esta visão, mostra-nos que a realidade de hoje devia ser mais acautelada, tendo em conta o *in consequimento*, como afirma uma senhora par(a)lamentar, de uma vida razoável para todos os europeus que estão a ser dominados pela austeridade e pela invasão real de outros mundos com outras intenções e projectos, capazes de não virem a fazer grande bem ao velho continente que tem dominado o mundo nos últimos três mil anos, pelo menos, mas seguramente nos últimos dois mil e agora, apesar da grande e burocrática organização em que vive, não encontra uma solução para todos e põe-se a andar em velocidades tão diferentes que umas matam as outras e causam muitas marchas à ré.

Por isso, a hipérbole é um intenso sinal de apelo à reflexão por causa de uma perda em movimento disformemente acelerado que vai arrastando a Europa, em sentido contrário ao que o toiro branco fez um dia para nos criar expectativas de beleza. Talvez falte a paixão, a vontade e o amor de Zeus pela Europa e os gregos de hoje sejam os alemães de amanhã! Ou, talvez, como recentemente disse Miguel Real em entrevista ao *Público* (22.02.2015, a Alemanha de amanhã seja “âncora de uma futura Europa”.

Assistimos hoje à invasão pela Grande Ásia, talvez como Eurico assistiu, em cima do Calpe, ao assalto da Península pelos Árabes, mas com menos poesia; os Árabes invadem, de novo, agora sem cavalos, o que é uma perda de beleza; as ideias dos Europeus são as melhores e as mais democráticas possíveis, mas o consumismo capitalista exagerado levar-nos-á a extremismos de toda a ordem.

Prefiro Ulisses à perfeição da ilha de Calipso, embora não rejeite os encontros com a deusa, mas foi o pessimismo sobre o futuro que me amarrou à narrativa. Esta apresenta-se completamente outra em relação ao habitual nos romances de Miguel Real, aqui muito mais rápida, de frases curtas, como se a pressa de guardar para memória futura não deixasse espaço para delongas e para a expressão de outros sentimentos que não o relato dos acontecimentos. O discurso serve a história e a missão do narrador autodiegético não permite desvios.

Miguel Real convenceu-me pela inviabilidade do processo neo-europeu e este livro é um clamor no deserto das ideias e da falta de solidariedade social em que os europeus vivem agora, ou melhor, alguns burocratas de gravata ou sem gravata fazem viver, esquecendo os mais necessitados. Há falta de uma

ideia que salve a Europa e este romance dá um grito fundamental, tão alto e tão utópico que me parece mesmo real, e leva por outra vereda filosófico-tecnológica que agarra do princípio ao fim, em catadupas de informação, em que o enredo foi apenas o fio que Ariadne teceu para seguir mais depressa até ao fim.

Uma outra lição é a da ética sobre a tecnologia. Se os recursos de hoje fossem bem aplicados não haveria miséria nem fome como há. É possível salvar o mundo com o que ele tem, mas o consumismo e a ganância não o deixam. A tecnologia em excesso levar-nos-á a um mundo de insensibilidade em que serão descartáveis os considerados inúteis e os desnecessários: uns serão lançados no desemprego e os outros terão sempre a sua rocha Tarpeia. A sociedade do conhecimento não se importa com o pleno emprego, mas antes com a melhoria da remuneração de alguns dos «iluminados».

Apesar de o último europeu ter morrido no Pico, com cento e cinco anos, apesar de os americanos terem matado os restantes europeus e levado as crianças nascidas na ilha para as vender a mães americanas que as queiram em vez de as dar à luz, na ilha montanha restará uma luz e a luz, princípio de toda a vida, é o casal jovem constituído por um habitante ilhéu e por uma novíssima europeia nascida no Pico. A luz do amor!

Queremos que o Pico seja sempre um farol útil na noite que se aproxima, ao contrário do que disse Chateaubriand e os da tripolaridade teimam em seguir.

Que seja essa luz e não uma metáfora catastrófica proléptica!

